

III Reunião dos Ministros das Finanças da CPLP

Maputo, 21 de Fevereiro de 2014

Intervenção do Secretário Executivo da CPLP, Embaixador
Murade Murargy

(só faz fé a versão efectivamente proferida)

Senhor Primeiro-ministro da República de Moçambique, Excelência (ou seu Representante),

Excelentíssimo Senhor Ministro das Finanças de Moçambique,

Exmas. Senhoras Ministras, Exmos. Senhores Ministros, e Vice-ministro, Excelências,

Senhores Embaixadores, Representantes Permanentes junto à CPLP,

Senhores Embaixadores junto ao Governo de Moçambique,

Senhor Representante do Empresariado Moçambicano,

Senhores Representantes do Empresariado de todos os países da CPLP,

Distintas e distintos participantes, minhas Senhoras e meus Senhores,

Felicito V. Exa Senhor Ministro das Finanças pela realização da terceira Reunião dos Ministros das Finanças da CPLP. Quero começar a minha intervenção anunciando que, ontem, criou-se mais um sector ministerial para a cooperação e desenvolvimento, a reunião dos ministros da Energia da nossa Comunidade. É o crescimento da nossa organização.

Estou certo que a sessão de hoje vai reflectir sobre temas candentes, constantes da sua agenda, que constituem, também, um desafio para as

economias dos países da CPLP, como “As opções de investimento público e privado para a promoção do crescimento económico na CPLP” e a “Gestão sustentável de recursos naturais, e seu impacto na receita do Estado”.

Esta reflexão traduz a vontade e o empenho dos nossos países na busca de soluções para o desenvolvimento e o futuro da nossa Comunidade. Enquadra-se, também, no debate que lancei quando iniciei as minhas funções de Secretário Executivo da CPLP: Os Desafios do Futuro. Isto, pelas mudanças que estão a ocorrer no mundo e a necessidade da CPLP se ajustar a este movimento.

Reitero a honra que me é concedida para me dirigir hoje a V.Exas, por isso saúdo calorosamente todos os participantes, desejando votos de um bom trabalho.

Senhoras e Senhores Ministros,

Hoje, quase todos os indicadores apontam para um mundo melhor. Verificamos uma maior esperança de vida, com mais saúde, a redução da taxa de pobreza extrema para cerca de metade da que existia há 25 anos, a queda acentuada da mortalidade infantil, uma maior escolaridade e o aumento do rendimento *per capita*. Esta evolução, leva a que muitos países se tenham tornado países de rendimento médio, abrangendo quase metade da população do Globo¹.

¹ In *Carta Anual Gates*, 2014

Vivemos, assim, hoje, num mundo em que a aceleração da globalização, o desenvolvimento da tecnologia e a velocidade das mudanças nas relações humanas e nas instituições trouxeram grandes vantagens para a sociedade global, com sinais, muito positivos, que fazem despertar sentimentos de esperança.

Esta esperança traduz-se, sobretudo, num período de afro-otimismo e de prossecução de políticas que permitam a “descolagem” económica de África, a sustentabilidade das economias BRIC (de que o Brasil faz parte) e a retoma económica das economias europeias e americana.

Excelências,

Os países da CPLP, sobretudo, os nossos Estados em África e Timor-Leste, deverão aproveitar este momento.

As rendas auferidas com as exportações de bens agrícolas, minerais e energéticos podem alavancar o seu crescimento económico e sustentar estratégias e políticas geradoras de desenvolvimento socioeconómico.

Em 2014, o Continente africano continuará a ser um pólo de crescimento na economia mundial, confirmando a sua resiliência aos choques internos e externos.

Todavia, crescer não é suficiente. Os países têm de criar um ambiente propício, para que as rendas, provenientes dos recursos naturais, permitam um verdadeiro desenvolvimento, isto é, criem empregos e atraiam investimentos. Este ambiente exige estabilidade política e políticas públicas adequadas, apoiando as empresas e investidores (locais e estrangeiros) a serem parceiros neste processo de desenvolvimento.

Assim, importa promover o investimento público como um dos “motores” de estímulo à transformação da Economia, com a construção de infra-estruturas, com a escolarização maciça da população e com a criação de mercados competitivos - melhorando o acesso e a sua integração regional, oferecendo mais oportunidades e atraindo mais e melhor investimento privado.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Para uma transformação estrutural da economia baseada nos recursos naturais, temos de reflectir sobre vários factores:

Em primeiro lugar, podemos melhorar a acessibilidade aos mercados, através quer da integração regional, quer da estruturação /organização do mercado interno, gerando desta maneira novas oportunidades para empresários e consumidores;

Em segundo lugar, podemos criar e/ou consolidar quadros legais ou normativos para permitir uma gestão correta das terras, sistemas fiscais eficazes e mecanismos e incentivos que acelerem e diversifiquem o crescimento no sector primário. Por exemplo, para melhorar a produtividade na fileira agrícola é preciso criar uma boa rede de transportes e promover a utilização de fertilizantes e de sementes com maior qualidade. Isto, pode alavancar o aproveitamento do potencial em África, por exemplo, onde estão 24% das terras aráveis, apesar do Continente só contribuir com 9% da produção mundial do setor²;

² In African Economic Outlook Report, 2013

Em terceiro lugar, devemos promover e assegurar, através de políticas públicas e do estímulo à mobilização da responsabilidade social das empresas, que uma parcela das receitas proveniente dos recursos naturais e indústrias extractivas seja investida na formação profissional e em Educação. Assim, melhoram as capacidades formativas das pessoas, o nosso capital humano, que poderão aceder ao emprego noutros sectores (indústria e serviços), no quadro da diversificação das economias. E, há que;

Em quarto lugar, apoiar esta mesma diversificação das economias, com a criação, por exemplo, de corredores de desenvolvimento que aliem projetos energéticos, de transportes (rodoviários e ferroviários) e de comunicações, com os poderes públicos na sua dianteira, explorando, eventualmente, as parcerias público-privadas.

Por último, se olharmos para as empresas, verificamos que a qualidade das infra-estruturas é um fator determinante nas decisões dos investidores privados quanto à localização dos seus investimentos, uma vez que contribuem para minorar custos, melhorar a produtividade e facilitar o acesso a fornecedores e clientes. Amplia-se o mercado e a escala de atuação dessas mesmas empresas, indutoras de crescimento.

Distintas e distintos ministras e ministros,

A transformação das economias significa criar oportunidades de emprego para as pessoas, criar negócios para as empresas e canalizar uma parcela desses ganhos, através de políticas públicas, para melhorar as condições de vida das populações, fazendo-as tomar parte nesse crescimento. Esta

realidade vai traduzir-se, a prazo, em melhores níveis de desenvolvimento humano, minorando as desigualdades, o que, por sua vez, vai permitir acelerar o ritmo de transformação económica, no quadro de um círculo virtuoso de crescimento e desenvolvimento.

A transformação estrutural ajudará, também, a acelerar quer a inovação quer a utilização de novas tecnologias, induzindo saltos qualitativos no desenvolvimento socioeconómico dos países.

Porém,

Excelências,

Temos de ter em conta que, se o investimento público pode contribuir para a modernização da economia e crescentes ganhos de produtividade, a avaliação das opções de investimento a fazer deve ter em consideração não só os seus efeitos positivos no crescimento e no emprego, mas, também, o impacto nas restrições económicas e financeiras para outros sectores, nomeadamente, sociais. Isto, não esquecendo que o investimento público é financiado com os impostos dos cidadãos e tem impacto no endividamento do país.

Então, impõe-se uma análise criteriosa dos investimentos públicos a activar. Creio ser nesse sentido que este fórum vai refletir e com muito mais capacidade que a minha.

Excelências,

Concluo, como comecei. O mundo está, hoje, melhor, sendo as condições para a descolagem económica mais favoráveis do que nunca, sobretudo, em África.

Cabe aos governos dos nossos países mobilizar e valorizar, através de reformas estruturais ambiciosas e de políticas adequadas, os ganhos auferidos, nos últimos anos, com a exploração dos recursos naturais. O sucesso destas reformas dá-nos a esperança de que o modelo, assente nos bens primários (nas *commodities*), pode contribuir, a prazo, para a criação de modelos de desenvolvimento sustentável nos países Africanos da CPLP e de Timor-Leste, reforçando a prosperidade no espaço da nossa Comunidade.

É uma oportunidade a não desperdiçar. Muito obrigado.